



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14946 - Resumo Expandido - Trabalho - XVII Reunião Regional da ANPEd Centro-oeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 14 / GT 17 - Sociologia da Educação e Filosofia da Educação

**A DIFICULDADE DA FORMAÇÃO DO HOMEM ANTE AS EXIGÊNCIAS POSTAS PELA TERCEIRA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL: UM ESTUDO PARTINDO DO CONCEITO DE “SUJEITO AUTOMÁTICO” DE KARL MARX.**  
Ged Guimarães - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

**A DIFICULDADE DA FORMAÇÃO DO HOMEM ANTE AS EXIGÊNCIAS POSTAS PELA TERCEIRA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL: UM ESTUDO PARTINDO DO CONCEITO DE “SUJEITO AUTOMÁTICO” DE KARL MARX.**

**INTRODUÇÃO**

Este trabalho segue na busca da radical compreensão do sentido fundante da formação em contraposição às exigências do sujeito automático da sociedade capitalista.

O critério para se afirmar que a formação está ou não fugindo do seu princípio universal, que é formar o homem antes de se pensar no profissional, buscamos na Antiguidade, mais especificamente na Grécia em seu período clássico. Os gregos concebiam a formação em sentido universal, ou seja, aquela que busca elevar a existência humana, o que, indubitavelmente, implicava em combater a ideia de formar somente um homem utilitário, operacional, tão somente capaz de pensar e resolver os problemas imediatos.

1. Se a finalidade do docente não for outra, senão preparar os seus alunos para a vida social como está instituída, ou seja, prepará-los para uma boa colocação no mercado de trabalho ou para um rentável empreendimento, o que não é outra coisa senão ensinar que os “fortes vencem”, então tudo que foi construído, sobretudo a partir da modernidade, está no curso correto, e os obstáculos são provas, desafios, à capacidade do professor e do aluno em busca da competência.
2. Afirmamos também que nada disso (as questões postas no item 1) elevou os humanos. Ou seja, o que a modernidade qualificou como desenvolvimento não elevou a humanidade, e sim a jogou numa espécie de darwinismo social, o que não é outra coisa senão a disputa individual, literalmente pela vida, ou simbólica, quando a vida, já alienada ao valor dinheiro, é reduzida a uma única finalidade: produzir dinheiro como forma e condição para a existência.
3. Afirmamos ainda que quando o *ofício* de ensinar é afastado em favor de ações práticas, pontuais e utilitárias, a formação resvala para ações próprias de uma empresa, cujos benefícios quantitativos, finalidade de sua existência, têm de ser maiores que os custos. Práticas nessa linha põem o professor, e a instituição na qual trabalha, em conexão, por assim dizer, com as demandas sociais, às quais, na sociedade capitalista, se confundem com o que é requerido imediatamente pelo mercado, o que não parece ser outra coisa senão a do sujeito automático.

## **DESENVOLVIMENTO DAS QUESTÕES PROPOSTAS**

Para compreender as questões postas recorreremos a Marx, especificamente ao seu conceito de homem automático, subsumido ao valor dinheiro. Nas palavras dele,

O dinheiro, na medida em que possui o atributo de tudo comprar, na medida em que possui o atributo de se apropriar de todos os objetos, é, portanto, o objeto

enquanto possessão eminente. A universalidade de seu atributo é a onipotência de seu ser; ele vale, por isso, como ser onipotente... O dinheiro é o alcoviteiro entre a necessidade e o objeto, entre a vida e o meio de vida do homem (Marx, 2008, p. 157).

Mas, o dinheiro não anda por aí sozinho, ele precisa do seu portador, ou do seu investidor. Neste caso, pode ser qualquer um que sabe poupá-lo, valorizá-lo. Para esse fim ele precisa daquele que age conforme a lógica interna da valorização do valor. Por outras palavras, ele precisa que o homem aliene a sua vontade ao desejo de valorização permanente do dinheiro. É quando a finalidade da vida se torna uma espécie de sobrevivência em favor da existência progressiva do dinheiro. Ou, como afirma Marx (2011, p. 165), de “simples meio de circulação, [o dinheiro] converte-se repentinamente em senhor e deus no mundo das mercadorias”. Aqueles já alienados à lógica do valor e da sua valorização, cuidam para que o outro adira à nova disciplina. Esse novo homem não está submetido, conforme afirma Jappe (2006, p. 192) “a um senhor de carne e osso e nem a um Deus” transcendente, mas a uma coisa criada por ele mesmo, um fetiche: o dinheiro, a encarnação do valor.

A modernidade, ao reconhecer que todos os indivíduos são livres, iguais e proprietários, lhes confere também o direito individual. Mas, (o direito individual, sem freios, sem limites) pode levar a sociedade ao caos. E quando uma sociedade chega a esse ponto, ela encontra os seus senhores *ad-hoc* que reinam, sobretudo, nas crises, quando delas tiram maior proveito.

Quando as vontades individuais reinam, a racionalidade é minimizada, e a barbárie encontra o seu correspondente caos. É nele que indivíduos, ou indivíduos agrupados, saem ganhando. Não por acaso, algumas empresas aumentaram os seus bilhões e alguns milionários chegaram ao olimpo dos bilionários. Basta uma rápida consulta à rede social que se encontram os novos ricos, os lucros dos bancos, os bilhões da indústria farmacêutica, e os quase trilhões das empresas que propiciam o *home office*, o ensino remoto. Tudo isso tem contribuído para a formação do sujeito automático.

Se a modernidade em seu apogeu criou esse sujeito, parece que a formação que busca formar o homem, ou melhor, elevar a sua humanidade, não pode ser outra, senão a interrogação dessa sociedade que o faz automático.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa se situa no âmbito da filosofia, especificamente da filosofia da educação, o que pressupõe a interrogação, a busca do sentido e gênese dos fatos reais e imaginados.

Trata-se de um estudo estritamente bibliográfico no qual se procura encontrar conceitualmente o que dá sentido e dizer o que é com transparência radical, procurando afastar a opacidade do aparente.

Nesse percurso e para esse fim, procedemos conforme se define a pesquisa bibliográfica no âmbito da filosofia, qual seja, o pesquisador deseja ver o que é, dizer como é, e saber os porquês das explicações; deseja ver o que não foi visto, dizer o que não foi dito. Se ele recorre ao já dito é para aprender como uma dada questão foi posta, pensada, *tornada* nova e, ainda, lembrar que, apesar de já dito e explicado, talvez careça de outra explicação.

## CONCLUSÕES

A referência, ou melhor, o critério epistemológico que ratifica e verticaliza o entendimento foi construído a partir dos textos de Platão (2000), Aristóteles (2009), Locke (1988), Rousseau (1992), Adam Smith, (2013) e Coêlho (2012). Os clássicos da Antiguidade Clássica, bem como os modernos, nos ajudaram a compreender o sentido da formação. Os dois primeiros nos ensinam que o homem é social por natureza e aquele que exerce o ofício de ensinar (*didaktikós*) deve buscar elevar essa condição fundante. Para eles, o homem é filho da cidade (*polís*) e deve buscar a excelência da vida pública, combatendo as “vontades individuais”, qualificadas como um desvio, um erro, uma *dýsnomia* para a vida social. Os três pensadores modernos, ao contrário dos primeiros, elaboram um discurso para o indivíduo. Ou seja, a questão central para eles é buscar um modo de pensar e agir individualista, cuja sociedade à qual pertencem não exerça sobre os indivíduos nenhuma autoridade, a não ser aquela concedida por meio de um pacto.

Reafirma-se que a sociedade capitalista em seu processo de constituição, sobretudo entre os séculos XVI e XVIII, tinha na *capacidade industriosa e racional do indivíduo* a sua maior expressão, revelada, por exemplo, nas grandes navegações, no desenvolvimento técnico e científico e na capacidade de explorar terras e povos, recorrendo-se, especialmente à escravidão direta.

Os pensadores liberais, a exemplo de Locke e Adam Smith, buscam reafirmar os princípios da liberdade, da igualdade e da propriedade, condição para que haja um indivíduo. Para eles, todos são livres para estenderem a propriedade que cada um traz em si mesmo simplesmente porque existe. Ou seja, para cumprir a finalidade da existência – estender a propriedade – o limite é a própria vontade. Qualquer ação ou desejo alheio a esse princípio deve ser afastado, eliminado, pois o mundo não pertence à “fantasia e ambição dos rixentos e litigiosos” (Locke, 1988, p. 414).

O último autor Coêlho (2006), retoma as questões já postas pelo antigos e nos põe para pensar o sentido da formação, considerando a sociedade em que vivemos,

marcadamente individualista, desigual, autoritária e violenta. Ou seja, ele nos ensina que é necessário compreender a sociedade e, no ofício de ensinar, ajudar os alunos a “destruírem neles mesmo o velho (não saber) e construir o novo (saber)” (Coelho, 1984, p. 4).

Para buscar a crítica ao pensamento moderno recorremos a Marx (2011). Segundo ele, a sociedade capitalista que surge dos escombros da sociedade feudal, embora tenha libertado os homens das relações servis, não realizou avanço nos princípios da igualdade, da liberdade e da democracia, uma promessa dela a toda a sociedade. Por outras palavras, a sociedade capitalista, ao reduzir o homem a simples produtor de valor, acabou transferindo ao capital a condição de sujeito. Decorre dessa assertiva a dificuldade quando se trata da formação do homem, sobretudo, aquela desenvolvida nas escolas, pois, se por um lado, a sociedade deseja a formação do homem prático, utilitário em correspondência com as exigências do mercado, por outro, a formação do homem, uma exigência que deveria ser a primeira, é subsumida à imediatividade requerida pela sociedade, igualada ao mercado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. de Antônio de Castro Caeiro. São Paulo: Atlas, 2009.

COELHO, Ildeu Moreira. (org.). **Escritos sobre o sentido da escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

COELHO, Ildeu Moreira. A importância da sala de aula para uma formação de qualidade. **ANAI**S. Natal: Editora da UFRN, 1994.

JAPPE, Anselm. **La société autophage** – capitalisme, démesure et autodestruction. Paris: Éditions La Découverte, 2017.

KURZ, Robert. **Vies et mort du capitalisme**. Paris: Lignes, 2011.

LOCKE, John. **Dois tratados sobre o governo**. Trad. de Julio Fischer. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Trad. de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2008.

MARX, Karl. **O capital**. Trad. de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011. v.1

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **BNCC**. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361#nem\\_07](http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361#nem_07),

acesso em 18 de março de 2017.

PLATÃO. **A república**. Tradução de Tradução de Carlos Alberto Nunes, 3ª. ed. Belém: EDUFPA, 2000.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio**. Trad. de Sérgio Milliet. São Paulo: Bertrand, 1992.

SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**. Trad. de Alexandre Amaral Rodrigues e Eunice Ostrensky. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação, Homem, Autônomo, Sujeito, Automático.